

A MENSAGEM DA FÉ: FELICIDADE DO HOMEM OU A GLÓRIA DE DEUS?

Esta mensagem foi traduzida da revista LOGOS, para os meses de maio e junho de 1980.

Copyright 1980 por Logos International Fellowship, Inc.

Impresso com permissão.

Primeira impressão: novembro de 1981

Rubiataba, Goiás

A MENSAGEM DA FÉ FELICIDADE DO HOMEM OU A GLÓRIA DE DEUS?

POR CHARLES FARAH

Charles Farah é professor de teologia na Universidade Oral Roberts em Tulsa, Oklahoma (EUA). Obteve seu doutorado na Universidade de Edinburgo (na Escócia).

Um dos ensinamentos que está se alastrando mais rapidamente através do mundo evangélico de hoje é a ênfase sobre “a mensagem da fé”: Se eu tão somente aprender como exercer a minha fé, o meu direito como filho de Deus, poderei então gozar de perfeita saúde, perfeita paz e perfeita prosperidade. É uma questão de simplesmente aplicar as leis certas da maneira certa.

Se a Palavra de Deus assim diz: “Que nos tem abençoado com toda sorte de benção espiritual...” (Ef 1.3), então de acordo com a mensagem da fé, a única coisa necessária é aplicar esta verdade num exercício de fé. Isso requer um bom conhecimento prático da Palavra de Deus; daí resulta uma excelente ênfase no estudo e memorização da Bíblia.

Por exemplo, 1 Pedro 2.24 diz: “Por suas chagas fostes sarados”. Portanto, já que a cura foi efetuada no Calvário e Deus já fez a sua parte, o que nos resta é exercer fé na promessa. Muitos mestres da Palavra nos asseguram que cura é um dom; é necessário apenas nos apropriarmos dela.

Eu tenho uma dificuldade com esse ensinamento. Não me refiro aos méritos e benefícios de se pensar positivamente, a ênfase nas atitudes certas, e nem a necessidade de uma confissão positiva. Antes me preocupo com as generalizações universais que provêm de uma falta de equilíbrio e do uso de passagens arbitrariamente selecionadas das Escrituras.

Estou convencido de que Deus designou uma vida positiva de fé para cada cristão; seja o que for que aparecer no caminho, devemos estar preparados para enfrentá-lo. É isso que Paulo está realmente dizendo em Filipenses 4.13: “Tudo posso naquele que me fortalece”. O problema é quando tornamos universal um princípio geral: “Sua condição sempre equivalerá à sua confissão”. “Você recebe de acordo com o que você diz.” “Se você confessa que não está se sentindo bem, você sempre estará doente.” “Quando você faz uma confissão de fé negativa não receberá nada.”

Em quê devemos basear nossa fé? A nossa fé está na cura? A nossa fé está na salvação? A nossa fé está nas leis da prosperidade? A nossa fé está no exercício da nossa fé? Em quê ou em quem está a nossa fé?

Conversei com uma jovem mãe que tinha apenas um filho e queria ter mais. Ela tinha um quisto do tamanho de uma laranja que fora descoberto pelos médicos, e isso bem poderia impedi-la de ter mais filhos. Ela havia confessado a sua cura mas agora iria enfrentar uma operação. Enquanto sentava-se para receber oração, ela expressou sua ansiedade em meio a lágrimas. “Estou tão confusa porque creio na cura e nas promessas de Deus para curar e aqui estou eu com este problema terrível.”

Perguntei a ela: “A sua fé está na cura ou no Deus que cura? Está no fato de que Deus cura ou no Deus que cura? Se eu focalizo a atenção na cura, certamente

ficarei confuso, mas se eu focalizar no Deus vivo, posso descansar. Posso até abandonar a minha cura às suas mãos, pois preciso chegar ao ponto onde posso dizer com Jó: ‘Ainda que me mate, nele esperarei’. Isto não significa que não vamos fazer nada — faremos tudo o que é possível. Oramos pela cura, consultamos aos médicos, mas a decisão final está nas mãos de Deus. Você está pronta para descansar seu caso inteiramente em Deus?’

No meio das lágrimas ela disse: “Estou pronta”. Ela derramou o seu coração diante de Deus de uma linda maneira e recebeu uma grande liberação. A ansiedade desapareceu. A tensão se foi. Deus queria que ela confiasse nele e somente nele. A operação foi um sucesso total e hoje ela é uma mulher radiante e sadia.

A confusão da jovem mãe era compreensível porque ela fora ensinada que Romanos 10.9, 10 tem a fórmula de como falar a palavra para Deus num exercício de fé que automaticamente completará a cura ou trará a resposta para a necessidade financeira da pessoa: “Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação.”

Esses versículos não são versículos gerais sobre o exercício da fé nas atividades normais da vida cristã. Tratam especificamente do grande tema que Paulo está desenvolvendo: o tema da salvação e como obtê-la.

O próprio Paulo confessou que era louco, fraco, desprezível, faminto, nu, injuriado (1 Co 4.10-13). Onde estava a confissão otimista de Paulo? Por que ele padecia fome e sede? Como é que continuamente ele era tão pobre e necessitado? Será que ele não compreendia que Cristo já levou a sua pobreza no seu lugar?

Então quem tem a razão? Este desprezível, sofredor servo do Senhor Jesus, ou o “povo da fé” que categoricamente nega tais expressões como sendo maneiras erradas e pessimistas de crer? É-nos permitido escolher e separar versículos selecionados para provar uma questão, ou temos a obrigação de sermos obedientes a toda a Palavra, procurando todo o conselho de Deus?

Paulo claramente ensinou um realismo cristão que admitia a derrota quando havia derrota e impedimento quando havia impedimento. Tal afirmação reflete a misteriosa verdade do sofrimento cristão que realmente ainda não foi ouvida na nossa geração. No meio de tudo há, de fato, um “triumfalismo” cristão, porque aquele que é tudo em todos no fim há de reinar como Senhor de todos nós.

A chamada “mensagem da fé” procura focalizar-se nos nossos desejos e não na realização dos mais altos propósitos de Deus. Os nossos desejos, à proporção que crescemos, devem ser para o que ele desejaria para nós. O nosso desejo deve ser que a sua vontade e os seus propósitos sejam cumpridos em nós.

Duas falácias aparecem na literatura da “mensagem da fé”. Uma é a falta de distinção entre uma palavra de Deus geral (*logos*) e uma palavra particular para uma ocasião particular (*rhema*). Nas ilustrações bíblicas escolhidas para demonstrar a fé, sempre houve uma palavra específica de Deus para aquela ocasião particular. Por exemplo, quando o caso de Josué é usado para demonstrar o princípio geral que ele agia pela palavra do Senhor, ninguém pode contradizê-lo. Josué e os filhos de Israel subjugaram a Jericó por simplesmente obedecerem ao Senhor (Js 6.12-16, 20). Os

muros caíram, no entanto Josué não entendeu isso como um mandato para formar pelotões para desfilar em volta das outras cidades que tomou para o Senhor. Nestas agiu através de um processo mais fatigante de sitiá-lo e assaltar as fortificações. Josué não cometeu o erro de aplicar uma palavra específica universalmente.

Uma segunda falácia da teologia da fé é a tentativa de encapsular Deus numa armadilha de palavras. Deus não é mais o autônomo Senhor do universo que opera segundo a sua vontade no exército do céu (Dn 4.35). Pelo contrário, ele é amarrado às palavras de um livro e torna-se cativo da sua Palavra ao invés de ser seu criador. Sem dúvida as Escrituras são a Palavra de Deus, mas são mortas e inertes sem o poder dinamizante do Espírito Santo e a vivificação da Palavra às nossas vidas. Cristo ainda é o Senhor das Escrituras.

A teologia sempre vive dentro da esfera do mistério. Nenhum teólogo pode escapar aos misteriosos caminhos de Deus, e aos “caprichosos” caminhos do Espírito. Os teólogos frequentemente observam como são estranhos os homens, os materiais e recursos que Deus escolhe para o seu uso. Teologia é uma ciência singular porque, quando é mais autêntica, ela se prostra em humildade, oração e adoração. A verdadeira teologia é uma teologia de oração, e na presença do Deus vivo só se pode adorar; nunca se consegue entender plenamente. Qualquer sistema teológico que faz exigências de Deus que são causativas - isto é, que garantem que Deus sempre agir de certa forma como resultado da repetição de determinadas orações ou da realização de determinados ritos — está destinado a fracassar mais cedo ou mais tarde. Na verdade, sua proposição equivale à mágica.

Qualquer fórmula teológica que exige que eu sempre tenha alimento não leva em conta que Paulo passou fome. Qualquer fórmula teológica que exige que Deus sempre me faça prosperar não leva em conta a pobreza dos apóstolos e cristãos primitivos. Qualquer teologia que exige que Deus sempre cure não leva em conta um Trófimo doente ou um Timóteo enfraquecido que precisava tomar vinho para fortalecer seu estômago doente, ou um Paulo com seu “espinho na carne” na época que fundou a igreja na Galácia.

“Triunfalismo” fácil tem como centro o homem, e não é uma teologia centralizada em Deus. A ênfase é no que Deus pode fazer para o homem; no que o crente pode exigir e receber; no lucro que pode haver para o cristão. Nesse sentido limitado, representa uma teologia verdadeiramente humanista cujo centro é o homem — seus desejos, suas ambições, e em última análise seu mundo - ao invés de focalizar em Deus e nas suas exigências sobre o homem. Uma das marcas que identifica o humanismo é sua exaltação do homem e dos seus poderes para transformar um mundo que está ficando progressivamente melhor.

O outro dia ouvi um pregador de rádio dar uma “fórmula para sucesso” aos seus ouvintes. Ele pediu que a repetissem depois dele. Era mais ou menos assim: “Tudo que empreendo será bem sucedido; não posso fracassar porque Deus está em mim e Deus não pode fracassar. Nada empreendido por mim pode falhar. Tudo que empreendo será bem sucedido. Não conheço fracasso.” Poderíamos descartar tal tagarelice impiedosa como disparate teológico se não fosse a tragédia de que tantos cristãos sinceros engolem essa linha de pensamento e depois se admiram quando os fracassos surgem assim mesmo.

O movimento carismático precisa desesperadamente de uma nova ênfase na soberania de Deus. A famosa primeira resposta do Catecismo Menor de Westminster é inteiramente apropriada. “A principal finalidade do homem é glorificar a Deus e fazendo isto ter prazer nele para sempre.” A glória e o louvor de Deus devem ser a paixão que consome o nosso coração no aqui e no agora, e o propósito inteiro da nossa existência deve ser agradar a Deus no tempo e na eternidade. Se Deus tem um plano para a minha vida, não é prerrogativa minha olhar em volta, decidir o que eu desejo, e depois ordenar a Deus que o execute. É minha inteira responsabilidade procurar a vontade *de* Deus para a minha vida e depois agir nela. Como João Calvino disse tão bem: “Portanto, o cristão forçosamente deve ser disposto e orientado mentalmente de tal forma **que** sinta no seu interior que é com Deus que ele está lidando através de toda a sua vida”.

O problema com o evangelho centrado no homem é que nunca coloca o indivíduo *no* contexto da nobreza do propósito final de Deus. Não reconhece a necessidade de achar algo além do eu humano como o foco da vida. Não é o meu Landau, minha saúde, meu dinheiro, meu sucesso, ou minha fama que tem valor em última análise, mas como essas coisas contribuem para promover o reino de Deus.

Que somos filhos do rei, ninguém questiona; a pergunta é: de que tipo de rei? Se é verdade que o servo não está acima do seu mestre, então não posso me queixar se não tenho mais do que Jesus que não tinha onde reclinar sua cabeça. De acordo com a mensagem da fé eu não preciso mais suportar privação, sofrer perseguição, ser jogado na prisão, passar fome ou sede, ou naufrágio por causa do evangelho. Jesus fez tudo isso para mim. Ele se tornou pobre para que eu pudesse ser rico; ele sofreu para que eu não precisasse sofrer; ele foi perseguido para que eu não fosse perseguido; ele passou fome para que eu pudesse estar satisfeito. Tudo isso Jesus fez por mim. Ele morreu para me trazer conforto.

Que tolce minha então arriscar a minha vida em favor do evangelho, viver comedidamente para poder usar o dinheiro que sobra para missões, crucificar a carne quando Deus realmente deseja exaltá-la com casas novas e carros maiores e melhores. Que tolce minha jejuar e orar para suplicar a Deus que avive a sua igreja, que a tire da sua comodidade mortal, que a transforme mais uma vez numa igreja serva e sofredora que esteja disposta a atar as feridas do mundo com os seus próprios recursos. Que tolce minha passar dias e horas em intercessão e jejum, prostrado de rosto em terra diante de Deus, porque o que é necessário é apenas orar uma vez e orar mais é sinal de que “não tenho fé”. Que tolce minha ter a disposição de assumir a coroa de mártir ou enfrentar guerra nos lugares celestiais com os poderes invisíveis, quando estes são tão fáceis de expulsar: “uma oração de fé” resolverá tudo.

Um problema fundamental da “mensagem da fé” é a sua natureza estritamente local; no máximo poderia ser aplicada a dez por cento do mundo; somente as nações mais abastadas poderiam oferecer audiências para ouvir seus ensinamentos. Você pode imaginar o absurdo de pregar à igreja subterrânea da Rússia que, se eles tão somente elevassem a visão da sua fé, todos poderiam se tornar prósperos?

Para a teologia ter qualquer validade, ela precisa ser universal. Deve ser aplicável dentro das condições da exegese científica em qualquer tempo ou qualquer lugar no mundo. Desta forma, a teologia da fé é uma teologia falha; não é

universalmente aplicável. Se o fulgor do nosso materialismo fosse menos ofuscante e o nosso egoísmo fosse menos tenaz, seria Óbvio a nós que a vida de Paulo era mais aparentada com a igreja subterrânea do que com os “filhos do rei” vivendo em suas regalias; se os apóstolos estivessem vivos hoje tenderiam, por causa da natureza da sua própria experiência, para os cristãos martirizados na Uganda, e não para a cristandade ocidental. Não se pode deixar de pensar que Jesus estava se referindo à nossa geração quando perguntou se acharia fé na terra quando viesse. Quantos ainda permanecerão fiéis quando ele substituir nossas quinquilharias por uma cruz?

Na minha juventude eu ficava entediado e fatigado com pregadores que incessantemente pregavam a cruz. Eu falava comigo mesmo: “Por que eles não aprofundam mais? Por que não me alimentam? Por que toda essa conversa sobre cruz e sofrimento? Estou cansado e enfasiado com isso. Quero algo mais!”

Desde então aprendi que ir além da cruz é apostatar. É estar em necessidade de arrependimento, pois é prova concreta de que tenho deixado o meu primeiro amor.

A cruz é o lembrete de Deus para mim da oração suprema do cristão, de acordo com o modelo dado por Jesus: “Não se faça a minha vontade, e, sim, a tua”.

O livro de Jó trata de forma devastadora com um tema persistente em todo o pensamento religioso, o princípio de ação e consequência. Se realizo determinados atos, determinadas consequências inevitavelmente virão. O inverso também é válido. Se determinadas consequências aparecem, forçosamente, pela natureza do caso, sou culpado de determinadas más ações. Os consoladores de Jó representam esse tipo de pensamento, por excelência. Jó tinha sofrido consequências calamitosas; por conseguinte, ele, sem dúvida, deve ter pecado. Deus claramente desmentiu esse tipo de raciocínio teológico: “Não dissestes de mim o que era reto” (Jó 42.7). Mas esse tipo de pensamento ainda existe hoje.

A sabedoria de Jó excede muito a nossa. Quando tudo havia desaparecido, seus filhos mortos, todos os seus bens e gado levados embora, ele simplesmente comentou: “O Senhor o deu, e o Senhor (não Satanás) o tomou; bendito seja o nome do Senhor!” (Jó 1.21).

Milhares de cristãos batizados no Espírito Santo andam errantes por aí num estado de estupefação e não existência, sem nenhuma segurança de que “Deus ainda está no seu trono”, mas totalmente convictos de que não são mais o povo de Deus de fé e poder. Um homem enredado nesse dilema tira uma última e horrorosa conclusão: “Pode ser que funcione para os outros, mas claramente não funcionou para mim”. Evidentemente, o corolário disso é: “Deus não gosta tanto de mim quanto daquele outro”.

Há alguma palavra de Deus para tal sofredor? Acaso não há bálsamo em Gileade para curar uma alma bombardeada? Deus não tem algum consolo ou segurança para nos dar?

Ele tem, sim. A verdade é que Deus está no controle de tudo. A sua mão está sobre o mal da mesma forma que está sobre o bem. Ele permite que o consideremos responsável em última análise pelo mal (não pelo pecado) da mesma forma que o é por todas as coisas boas e belas da vida. Ouça as palavras de Isaías: “Eu formo a luz, e crio as trevas; faço a paz, e crio o mal; eu o Senhor, faço todas estas coisas” (Is 45.7).

O Senhor Deus permite que todos estes males surjam na minha vida, precisamente pelo motivo que alguns mestres desprezam: para produzir maturidade cristã, caráter cristão, e conformar-me à imagem de Cristo.

“Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos ... Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas cousas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 8.28, 29,35-39).